

A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID NA ESCOLA ECI FÉLIX ARAÚJO COM ALUNOS DO 7º ANO

José Vanderson Silva de Melo ¹
Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo ²

RESUMO

Atualmente, a ação docente em Geografia tem enfrentado desafios no que diz respeito à prática da inclusão nas atividades cotidianas em sala de aula. Isto posto, comungamos com a ideia de que isto se deve a falhas na formação inicial e continuada dos professores, tendo em vista que faz-se necessário desenvolver habilidades de elaboração de propostas metodológicas e construção de recursos didáticos capazes de atender a todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem, sem nenhuma distinção. Em nosso caso, como licenciado em Geografia e bolsista do PIBID, foi possível experimentar processos metodológicos que considerassem a educação inclusiva no ensino de Geografia. Destacamos, por meio deste texto, que buscamos aproximar a Cartografia Tátil dos alunos videntes da Escola ECI Félix Araújo, localizada no município de Campina Grande/PB, a partir de oficinas desenvolvidas com a turma do 7º ano em 2023. Os discentes tiveram a oportunidade de conhecer os artefatos de escrita em Braille, como também realizaram a confecção de Mapas Táteis temáticos. Ademais, de forma metodológica, dividimos a oficina em três etapas, na primeira etapa, houve a introdução ao Sistema Braille; na segunda etapa, recortamos os materiais e moldes dos mapas; por fim, na terceira etapa, iniciamos a escrita em Braille. Os resultados apontaram para a necessidade de adaptação metodológica para o ensino de Geografia, que habitualmente se utiliza do sentido da visão para a compreensão de elementos e fenômenos geográficos. Assim, pequenos movimentos metodológicos permitem que todos os sujeitos venham a poder interpretar o espaço em que vivem. Logo, o ramo da Cartografia Tátil apresenta-se como uma possibilidade para as pessoas com deficiência visual ou baixa visão consiga acessar representações cartográficas, ampliando as possibilidades de escrita, leitura e interpretação do mundo que os cerca, tornando-os sujeitos autônomos (os alunos com deficiência) e mais empáticos (os alunos videntes).

Palavras-chave: Educação Geográfica, Educação Inclusiva, Sistema Braille, Cartografia Tátil, Mapas Táteis.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a ação docente em Geografia tem enfrentado desafios no que diz respeito à prática da inclusão nas atividades cotidianas em sala de aula. Nesta construção de sentido, pensamos que o exercício de educar, aqui entendido como “fazer emergir vivências do processo de conhecimento” (Assmann, 2001, p. 32). Por este motivo, deve estar pautado na busca por direitos e pelo bem-estar coletivo dos indivíduos com vista no reconhecimento, respeito e inclusão da diversidade (Assmann, 1988, p.32 apud Barros, 2023a, p. 80)”.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, jose.vanderson@estudante.ufcg.edu.br;

² Professor orientador: Doutora em Educação, Universidade Federal da Paraíba - UFPB e professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, ivanalda.dantas@professor.ufcg.edu.br.

Ao analisar-se a questão da inclusão nas escolas, identificamos fragilidades, no que tange à escassez de materiais didáticos adequados como possibilidade de incluir a pessoa com deficiência visual e baixa visão, por isso o ensino de Geografia, deve-se está a serviço da inclusão. À vista disso, torna-se indispensável à atuação do professor, com novas práticas metodológicas, com vistas a tornar o espaço escolar cada vez mais integrado, o que será possível por meio da busca por novas metodologias e, o abandono de velhas práticas pedagógicas excludentes. Reiteramos assim que, a educação inclusiva é um desafio, porém a busca da convivência e o respeito à diversidade às diferenças, é indispensável para incluir todos os sujeitos que estão inseridos no ambiente escolar, com vista à igualdade e equidade.

Isto posto, comungamos com a ideia de que isto se deve a falhas na formação inicial e continuada dos professores. Neste sentido, faz-se necessário desenvolver habilidades de elaboração de propostas metodológicas e construção de recursos didáticos capazes de atender a todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Com relação aos objetivos, de modo geral, buscamos aproximar a Cartografia Tátil dos alunos videntes da (ECI) Escola Cidadã Integral Félix Araújo, localizada no bairro da Liberdade, Zona Sul do município de Campina Grande/PB. Ademais, visamos confeccionar Mapas Táteis em sala de aula, bem como realizar a escrita em Braille com materiais adequados. Durante a oficina, houve a reflexão sobre a importância dos Mapas Táteis para estudantes com deficiência visual e baixa visão.

A oficina pedagógica foi desenvolvida com estudantes videntes, da turma de 7º Ano da Escola Cidadã Integral Félix Araújo, no ano de 2023. Eles tiveram a oportunidade de conhecer os materiais de escrita em Braille, além de realizarem a confecção de Mapas Táteis temáticos diversos. Como procedimento metodológico, houve a divisão da oficina em três etapas: a introdução ao Sistema Braille, o recorte dos materiais e moldes dos mapas necessários à confecção e, por fim, a parte da escrita em Braille, e colagem dos mapas.

Os resultados apontaram para a necessidade de adaptação metodológica para o ensino de Geografia, que habitualmente se utiliza do sentido da visão para a compreensão de elementos e fenômenos geográficos. Assim, pequenos movimentos metodológicos permitem que todos os sujeitos venham a poder interpretar o espaço em que vivem. Portanto, o ramo da Cartografia Tátil apresenta-se como uma alternativa para as pessoas com deficiência visual ou baixa visão, consigam acessar representações cartográficas, ampliando as possibilidades de escrita, leitura e interpretação do mundo que os cerca, tornando-os autônomos (os alunos com deficiência) e mais empáticos (os alunos videntes).

METODOLOGIA

A oficina de Mapas Táteis dividiu-se em 3 (três) etapas. A oficina teve sua realização na ECI Félix Araújo, ocorreu na turma do 7º ano do Ensino Fundamental Anos Finais. A escola ofereceu suporte com materiais como: cartolinas, colas de papel, tesouras, EVAS com texturas, papel 40 kg, além disso, ficou sob a responsabilidade do ministrante a seleção dos mapas, e demais materiais recolhidos em casa. Os Mapas Táteis selecionados foram com temáticas diversas como: Mapa das mesorregiões da Paraíba; Mapa dos Climas do Brasil; Mapa das sub-regiões da região Nordeste do Brasil; Mapa Topográfico do Estado da Paraíba.

Neste contexto, a primeira etapa deu-se da seguinte forma, primeiro houve a apresentação da proposta da oficina, sua importância para o estudo da cartografia tátil para pessoas com deficiência visual e baixa visão, e como as pessoas videntes podem contribuir para com a prática da inclusão. Em seguida iniciou-se a exposição de material de recurso visual (slide), na qual falamos sobre o criador do Braille, os materiais que seriam utilizados para a escrita em Braille (regletes e punção) e o alfabeto no Sistema em Braille.

Na segunda etapa, os estudantes foram separados por duplas, dessa forma deu-se início aos recortes dos moldes que consistiram na concretização dos mapas. Por meio da ajuda de 4 (quatro) colegas da escola, dentre eles o professor da turma, a estagiária da turma e 2 (dois) integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, situada na cidade de Campina Grande-PB, foi possível a realização desta etapa, os alunos foram orientados a recortar o molde, colando em papel apropriado para sua sustentação, em que realizou a montagem dos mapas com os materiais.

Na terceira etapa, retorna-se com a introdução do slide, como função apenas para fins representativo/ilustrativo, por meio deste recurso, os estudantes visualizaram o alfabeto do Sistema em Braille, seguindo de demonstrações de como seria a escrita. Pontuamos que esta, ocorre da direita para esquerda e a leitura da esquerda para a direita, dedicou-se tempo apenas para realização da prática da escrita, tendo em vista que os discentes estavam obtendo o contato pela primeira vez com essa realidade. Ainda nesta etapa, sucedeu a revisão da escrita em Braille, montagem dos mapas, e legenda em Braille para pessoas com deficiência, como também digitalizada para pessoas com baixa visão.

A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA LEITURA DE MUNDO DOS SUJEITOS

O código Braille, é um sistema de escrita, que visa à leitura em alto relevo ou tátil para pessoas com deficiência visual. Desenvolvido pelo Louis Braille, um homem francês que sofreu um acidente a partir de uma ferramenta de trabalho do pai dele, que era sapateiro. Depois disso, em meio ao tratamento, ainda foi acometido por uma infecção que o fez perder a visão dos dois olhos aos três anos de idade, aos dezesseis anos ele criou o sistema Braille (Brasil, 2022a).

Assim sendo, este sistema de escrita tátil, possibilita que pessoas com Deficiência Visual, possam comunicar-se a partir deste instrumento universal, uma vez que a insere no espaço. Com relação ao Brasil, o país adotou o Sistema Braille de forma oficial em 1854, com a criação do Imperial Instituto de Meninos Cegos, hoje conhecido como Instituto Benjamin Constant. O sistema era utilizado até o ano de 1940, no entanto sofreu alterações impostas pela reforma ortográfica da Língua Portuguesa (Brasil, 2022a).

Em um dado momento da história da criação da escola, seu objetivo era atender somente um grupo específico, e por isso, marginalizaram-se os demais indivíduos que possuíam algum tipo de deficiência. A falta de inclusão é legitimada pelas políticas sociais (governo) e práticas pedagógicas por parte da escolha de professores (Brasil, 2007b, p. 1-2).

Conforme o Art. 4º da Lei 13.146 do Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), toda pessoa com deficiência, possui os mesmos direitos de oportunidade, sem que sofram quaisquer constrangimentos ou alguma discriminação. Para mais, faz-se necessário a promoção do respeito às diferenças, com o fomento do uso de materiais didáticos que passem a reconhecer estas pessoas como sujeitos ativos e autônomos.

Para Zucherato *et al.* (2012), a prática do professor exige sensibilidade para com a realidade do aluno, por isso faz-se necessário que o docente desenvolva práticas pedagógicas que incluam os estudantes com deficiência visual ou baixa visão no processo de ensino-aprendizagem, pensando em uma educação inclusiva que facilite o ensino de Geografia, tendo em vista que esta ciência é de certa forma, voltada para o campo da visão.

Nas palavras do autor:

(...) a prática docente requer profissionais que possam perceber a realidade do aluno e, a partir dessa percepção, estruturar os conhecimentos de forma que o processo de ensino-aprendizagem parta da realidade dele. Nessa prática, o professor atua como mediador entre a realidade e a construção do conhecimento. Isso significa conhecer o mínimo das potencialidades e dificuldades do aluno para, então, direcionar o ensino de uma maneira que este possa se traduzir como uma prática efetiva. (Zucherato *et al.* 2012, p. 1)

Sob esse olhar, o professor possui um papel relevante, a sua ação está em constantes mudanças, com isso são indispensáveis pequenos movimentos por parte dos docentes para retirá-los de um lugar de margem e subalternidade, para recolocá-los na cidadania.

Além de tudo, o ensino de Geografia necessita ser pensado para todos, ou seja, não basta descrever os elementos da Paisagem, do Espaço Geográfico. Temos que criar oportunidades para que os estudantes tenham o conhecimento além do conteúdo de forma tradicional, por este motivo, deve-se buscar e elaborar práticas que viabilizem a educação geográfica, e torne-se cada vez mais efetiva.

Contudo, os cursos formadores de professores precisam ter um olhar sensível sobre esta temática durante a graduação, caso durante a sua trajetória na formação inicial os docentes não tiverem contatos com essa realidade ou reflexões, a elaboração de práticas pedagógicas será um grande desafio, ou seja, teremos professores despreparados.

Diante disso, Santiago e Alves (2019, p. 693), irão levantar uma discussão no que tange a respeito de uma qualidade na formação inicial docente, uma vez que, “é preciso que os profissionais da educação se preparem para atender as especificidades de cada aluno e, mais ainda, conheçam as necessidades que possuem, buscando informações de como lidar, visando o melhor aprendizado dos alunos”.

Ainda com relação à formação docente, o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, campus sede. O curso possui em sua grade curricular atual (PPC, 2019) a Disciplina denominada Geografia, Educação e Diversidade, como uma maneira de preparar os futuros professores em sua formação inicial, esta por sua vez tem por finalidade analisar as políticas educacionais, bem como superar e ressignificar práticas que venham a desenvolver a atividade para uma educação mais inclusiva.

Ao mesmo tempo, Medeiros *et al.* (2019, p. 47), nos alerta da importância de uma formação de qualidade, por isso precisamos compreender que as políticas de formação docente, devem ser ampliadas. Sendo assim, não será apenas uma disciplina que suprirá esta carência durante a trajetória acadêmica, têm necessidade de refletir acerca de uma formação inclusiva na prática, ou seja, que não pare no discurso.

Nota-se que, ensinar Geografia exige uma formação além do conhecimento específico, é preciso que os docentes saibam lidar com a diferença, assim como pratiquem o exercício do respeito à diversidade. Para Medeiros *et al.* (2019, p. 47) nos diz que ao sabermos da diversidade nas formas de aprender, os professores precisam ser sensíveis ao ponto de pensar práticas pedagógicas que respeitem as individualidades desses sujeitos, e neste caso, pensando

em pessoas com deficiência visual e baixa visão, precisamos desenvolver em materiais didáticos cartográficos que atendam a todos, até mesmo os discentes videntes.

Desse modo, para fechar nossas reflexões, acreditamos que a Geografia deva estar à serviço da inclusão e através da Cartografia Tátil, possibilita aos sujeitos a compreensão do Espaço geográfico para além de uma escala reduzida, e sim em uma escala ampliada. Tudo isso se dará com a ação do professor e o seu comprometimento com essa realidade, podendo vir a desenvolver recursos táteis ou que atendam as necessidades de cada indivíduo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da experiência da oficina na instituição, percebeu-se a necessidade de pensar materiais didáticos táteis que pudessem estimular aos alunos videntes o respeito à diversidade, além do mais fazê-los compreender o espaço geográfico em uma escala ampliada. Vale ressaltar que, a oficina ministrada, teve como Público-alvo alunos do 7º ano desta instituição, lembrando que todos os alunos da instituição são videntes. Sendo assim, eles foram oportunizados de conhecer os objetos de sistema em escrita Braille, bem como realizaram a produção de Mapas Táteis com texturas diferentes e cores diversas.

Antes de mais nada, a produção dos Mapas Táteis em sala de aula, torna-se importante, haja vista, que favorece aos estudantes a possibilidade de identificar os elementos dos mapas como: legenda; título; escala; fonte; orientação. Com relação ao procedimento metodológico, dividiu-se em 3 (três) etapas, em que consistiu desde a apresentação de slides com a finalidade de conhecer a história do Braille, materiais do sistema de escrita em Braille, culminando na confecção dos Mapas Táteis pelos próprios discentes.

Abaixo é apresentado o quadro em que são descritas a esquematização da oficina:

Quadro 1: Organização da oficina por etapas

Produção de Mapas Táteis na sala de aula: o exercício do respeito à diversidade no ensino de Geografia	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> ● Aproximar a Cartografia Tátil dos alunos videntes da ECI Félix Araújo, Campina Grande-PB; ● Elaborar os Mapas Táteis em sala de aula; ● Realizar a escrita em Braille com o uso da prancheta, regletes, punções e papel 40 kg.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ● Cartolinas; ● Colas de papel; ● Tesouras; ● Slides; ● EVAS com texturas; ● Papel 40 kg; ● Caixa de papelão; ● Mapas temáticos impressos.

Etapa 1	Apresentação da proposta da Oficina, sua importância para o estudo da cartografia tátil, e para pessoas com deficiência visual e baixa visão, e como as pessoas que são videntes podem contribuir para a prática da inclusão. Houve a exposição de material de recurso visual (slide), bem como apresentou o criador do Braille, identificou os materiais de escrita do sistema em braille, bem como o Alfabeto Braille.
Etapa 2	Os estudantes foram organizados por duplas, recortes dos moldes que consistiram na concretização dos mapas, assim como colando em papel apropriado para sua sustentação, e realizando a montagem dos mapas com os moldes.
Etapa 3	Para fins representativo/ilustrativo, por meio deste recurso os estudantes visualizaram o alfabeto do Sistema em Braille. Escrita em braille com o uso das regletes e punção. Revisão da escrita em Braille, montagem dos mapas, e legenda em Braille para pessoas com deficiência, como também digitalizada para pessoas com baixa visão.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2024).

No quadro 1 acima, é possível observar a organização da oficina por etapas, tendo em vista atender as demandas de aprendizagem de cada aluno. A cada etapa da oficina, os alunos foram descobrindo novas possibilidades para aprender Geografia, além do mais puderam conhecer uma Geografia, a partir do uso da Cartografia Tátil.

Na primeira etapa, apresentou-se a proposta da oficina e qual o seu intuito a ser alcançado. Como a turma do 7º ano é vidente, utilizamos da Geografia para entender os mapas e quais os seus elementos, e como estes podem contribuir para o desenvolvimento de uma Cartografia Tátil que atenda a todos. Neste caso, seja útil para os estudantes que estão com a intenção de descobrir, bem como produzir recursos táteis que poderão ser utilizados pela escola.

Observou-se ainda, que durante a oficina de introdução ao Braille, foi questionado a turma se todos já tiveram contato com os Mapas Táteis, todos responderam que não, e diante desta resposta, abordamos e destacamos o uso da Cartografia Tátil para o ensino de Geografia, enfatizando a importância da inclusão em sala de aula, principalmente pelos colegas.

As figuras representadas abaixo foram momentos em que abordamos o uso da Cartografia como possibilidade de compreensão do mundo para pessoas com deficiência visual ou baixa visão. Vejamos, a seguir (Figuras 1 e 2):

Figuras 1 e 2: Apresentação da proposta da oficina e Introdução ao Braille

Fonte: Arquivos do autor (2023)

Com a utilização da Cartografia em sala, buscou-se aproximar o estudante dessa realidade gráfica, levando em consideração, a alfabetização cartográfica deste sujeito, posto que, percebem-se dificuldades na identificação de elementos básicos de um mapa, por isso a ela torna-se importante para interpretação e leituras de mapas, e principalmente de sua realidade.

Salienta-se que a segunda etapa, teve como propósito realizar o recorte dos moldes e sua colagem no material adequado, este momento foi bastante relevante, devido a discussão levantada acerca das texturas aplicadas na superfície dos Mapas Táteis. É possível identificar o uso de cores fortes e texturas diferenciadas, para que os alunos com Deficiência Visual possam usar o tato, como aluno com baixa visão percebam os contrastes das cores.

Segundo Zucherato *et al.* (2012, p. 4) os recursos didáticos táteis procuram estabelecer uma comunicação através do tato, e tudo isso torna-se uma realidade a partir da aplicação de “texturas diferentes para cada classe temática, viabilizando sua diferenciação por alunos cegos, além de cores fortes e contrastantes para que os alunos com baixa visão possam estimular seu resíduo visual”. Abaixo (Figuras 3 e 4) podem ser observados os alunos recortando os EVA e realizando a montagem das peças do mapa.

Figuras 3 e 4: Recorte dos moldes e colagem

Fonte: Arquivos do autor (2023).

Vale lembrar que, além das escolhas das diferentes texturas que são de extrema importância, assim como o cuidado para não machucar a sensibilidade tátil dos alunos, Zucherato *et al.* (2012, p. 6).

O momento a seguir foi bastante desafiador, dado que exige agilidade e cautela para a elaboração da escrita, os estudantes ficaram bastante animados em ir para esta etapa. Durante este processo, encontramos dificuldades, dado que apesar de ter ocorrido a oficina de introdução ao Braille, e sua escrita os discentes nunca tiveram o contato com tais materiais, por este motivo é compreensível, então houve o auxílio para este momento, porém ao final todos concluíram cada um dentro de sua realidade, sempre respeito o seu processo de aprendizagem.

A concentração tomou conta da sala de aula, algo que é preciso ser destacado é que alguns alunos aprenderam a manipular as regletes e pulsão, desse modo, passaram a ajudar os demais colegas que encontravam-se com dificuldade. É possível observar nas figuras a seguir (Figuras 5, 6 e 7):

Figuras 5, 6 e 7: Execução da escrita em Braille.



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Acredita-se que, o contato com a Cartografia Tátil, tende a promover além da interpretação e leitura de mapas através de seu cotidiano, proporciona aos estudantes, o exercício da prática da inclusão a partir da Geografia, tornando-os sensíveis a essa realidade. Os mapas produzidos na escola pelos alunos foram diversos, apresentando uma diversidade de texturas e cores, os alunos usaram de sua criatividade para representar cada mapa. Abaixo (Figuras 8 e 9), apresenta-se os mapas elaborados como fruto do que foi proposto, colhemos estes materiais táteis todos estão, no entanto, destaco a falta do material para o aluno com baixa visão.

Figuras 8 e 9: Mapas elaborados durante a oficina



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Os resultados dos mapas táteis produzidos foram importantes para que os alunos compreendessem as dificuldades, desse modo a oficina tornou-se uma concreta para eles, tornando-os cidadãos sensíveis para esta realidade.

Fica evidente a necessidade de adaptação metodológica para o ensino de Geografia, que habitualmente se utiliza do sentido da visão para a compreensão de elementos e fenômenos geográficos. Assim, pequenos movimentos metodológicos permitem que todos os sujeitos venham a poder interpretar o espaço em que vivem. Logo, o ramo da Cartografia Tátil apresenta-se como uma possibilidade para as pessoas com deficiência visual ou baixa visão, consigam acessar representações cartográficas, ampliando as possibilidades de escrita, leitura e interpretação do mundo que os cerca, tornando-os autônomos (os alunos com deficiência) e mais empáticos (os alunos videntes).

CONSIDERAÇÕES

Para não concluir... a partir das análises e resultados obtidos, constatou-se a importância de levar a Geografia para sala de aula, a partir de recursos metodológicos que visem a aprendizagem dos alunos de forma a identificar as suas dificuldades, no caso caso de pessoas com atendimento especializado, ou seja, com deficiência visual ou baixa visão, cabe ao professor adotar práticas pedagógicas que venham a contribuir para o desenvolvimento do aluno a partir do conhecimento do espaço, sendo assim utilizando-se materiais didáticos táteis. Por tanto, a escolha dos recursos em alto relevo promove em sala de aula, à prática ao respeito às diferenças, bem como possibilita ao estudante vidente o contato com materiais jamais vistos. A aproximação com práticas como estas viabiliza que o discente vidente

torne-se mais sensível a uma realidade, e a sujeitos que ainda na atualidade são postos às margens, são excluídos dos espaços que possuem direito. Desse modo, a educação inclusiva deve ser uma realidade nas escolas brasileiras.

AGRADECIMENTOS

Manifesto a minha gratidão à professora Dra. Sônia Maria de Lira, por ter ministrado a disciplina de Geografia, Educação e Diversidade na UFCG, que oportunizou o contato com autores e práticas pedagógicas inclusivas, e que deram frutos na minha ação docente. Agradeço a Capes, pela concessão da bolsa ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, e que propiciou o contato com o chão da escola por meio do PIBID, este por sua vez possui um caráter formativo, que formou-me e moldou-me enquanto bolsista e docente em formação, bem como ao professor Dr. Luiz Eugênio coordenador do programa na edição 202-2024. Externo minha gratidão à professora Dra. Ivanalda Dantas por toda dedicação e empenho, por acreditar no meu potencial, ao incentivar a seguir pelos caminhos da docência e da pesquisa. Por fim, a Escola Félix Araújo que abriu as portas da instituição, como também ao professor pelo convite e a turma do 7º ano a qual tenho um carinho.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

BARROS, J. S. **Saberes de Professores de Geografia: histórias de vida, formação e docência**. Curitiba: Editora CRV, 2023a.

BRASIL. Ministério da Educação. **O Sistema Braille**. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br/pesquisa-e-tecnologia/materiais-especializados-1/livros-em-braille-1/o-sistema-braille> Acesso em: 16 mar. 2024a

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf> Acesso em: 17 mar. 2024b

BRASÍLIA. Presidência da República, [2015]. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 17 mar de 2024

CURSO DE GEOGRAFIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Geografia**. Campina Grande-PB, 2018.

MEDEIROS, K. G. de. *et al.* **A cartografia tátil e a inclusão. p. 45-65. In: LIRA, S. M. (Org).A educação geográfica a serviço da inclusão: trabalhando o espaço com estudantes videntes e cegos.** EDUFMG. Campina Grande, 2018

SANTIAGO, I; ALVES, G. B. **Ensino da Geografia na Perspectiva da Inclusão Escolar: Escassez de Pesquisas e Demandas em Profusão.** 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias. Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019. (684-696). Disponível em:
<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2920> Acesso em: 29 fev 2024

ZUCHERATO, B. *et al.* **Cartografia tátil: mapas e gráficos táteis em aulas inclusivas - volume 9 - D22 - Unesp/UNIVESP - 1a edição 2012** graduação em Pedagogia. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47182> Acesso em: 16 mar. 2024